

## OS ANJOS NA FILOSOFIA *ISHRAQ*

Os Anjos, relacionados com a hierarquia de luzes ou substâncias angelicais, localizam-se entre este mundo de sombras e a Luz Suprema, e ocupam uma posição central na doutrina de Ishraq. O anjo é ao mesmo tempo o sustentáculo deste mundo, o instrumento de conhecimento, aquele que o homem busca tornar-se e aquele a quem ele procura em sua vida terrestre. Suhrawardi confia fortemente na angeologia Mazdeana ao descrever as várias ordens de anjos e usa sua terminologia, que sobreviveu no calendário Persa até os dias de hoje, para nomear várias luzes angelicais, enquanto fazendo uso também da terminologia islâmica tradicional derivada do Corão. É sempre a beleza e o domínio do anjo que reluzem no cosmos Ishraq e que encantam os olhos daquele que empreende a tarefa de alcançar esta visão.

Suhrawardi não limita os anjos a qualquer número específico para corresponder com os céus visíveis, como o fez Al-Fārābi e Avicenna; nem estabelece um limite para seu grau de liberdade em três aspectos de inteligência, como entre os Peripatéticos. De fato, ele critica seus predecessores por ter limitado a hierarquia angelical desta maneira. Para Suhrawardi, o número dos anjos é igual não aos dez céus da astronomia medieval, mas ao número de estrelas fixas; isto é, para todos os propósitos práticos, este número é indefinido e está além de nossa habilidade de enumerar. E os modos em que os anjos recebem a irradiação divina e são iluminados por ela não estão limitados a qualquer padrão lógico preconcebido.

A hierarquia dos anjos é considerada por Suhrawardi em termos de duas ordens, as longitudinais e as latitudinais. Localizados no topo da ordem longitudinal estão os arcanjos, o mais alto dos quais é chamado de Bahman (o Vohúmen Mazdeano) e também de a Luz Maior (Al-núr Al-azam), ou a Luz Mais Próxima (Al-núr Al-aqrab). Este arcanjo supremo traz ao ser o arcanjo abaixo, que recebe a irradiação dele como também da Luz das luzes. Esta irradiação é transmitida, por sua vez, para o próximo nível abaixo, em linha reta até que a ordem vertical ou longitudinal, onde cada membro é chamado de luz vitorial (Al-núr Al-qāhir), seja completada. Esta ordem é também chamada de o mundo das mães, uma vez que todas as coisas no Universo são geradas dela e seus membros são tais que cada arcanjo acima apresenta o aspecto de dominação (qahr) sobre o abaixo, e o abaixo, o aspecto de amor (mahabbah) para o de cima. E cada luz é um istmo, ou "purgatório" (barzakh), entre as duas luminosidades acima e abaixo. Ela age como um véu que simultaneamente, oculta e revela a luz da ordem mais alta - oculta por não transmitir sua intensidade completa e revela por permitir a passagem de um certo grau de efusão ou irradiação dela, de modo que o próximo membro mais abaixo da hierarquia venha a ser.

Do aspecto masculino desta hierarquia suprema - isto é, seu aspecto como domínio e contemplação - surge a ordem latitudinal de anjos que corresponde ao mundo dos arquétipos, ou "idéias Platônicas." Os membros desta ordem não geram um ao outro - como na ordem longitudinal. Na verdade, eles subsistem lado a lado um com o outro. Tudo no Universo visível é uma "teurgia", ou "ícone", de um destes arquétipos, "contendo" sua "influência angelical" particular, e por isso Suhrawardi chama estes arquétipos de os mestres da espécie, ou mestres das teurgias, uma vez que cada um domina uma espécie particular para a qual ele é o arquétipo celestial e "idéia Platônica." Neste ponto, Suhrawardi faz pleno uso dos nomes dos Amshaspands Mazdeanos para designar os arquétipos das várias espécies. Por exemplo, o arquétipo da água ele chama

de Khurdād, o dos minerais, de Shahriwar, o das plantas, Murdād, e o do fogo, Urdibihisht. Cada uma destas coisas é deste modo dominado por um anjo latitudinal particular para o qual ele age como teurgia. Desta maneira, Suhrawardi identifica as idéias Platônicas com os poderes separados de Ahura- mazda do Zoroastrismo.

As ordens angelicais descritas deste modo estão ainda acima do cosmos visível. Mas, do aspecto feminino da ordem longitudinal dos arcanjos, que é seu aspecto de amor e receptividade para iluminação e irradiação, vêm ao ser as estrelas fixas, e através delas os outros céus astronômicos. Os céus visíveis são deste modo uma "materialização" das substâncias angelicais. Eles podem, de fato, ser considerados como a cristalização daquele aspecto dos arcanjos que é o "não-ser," ou "privação," ou separação da Luz das luzes, e é apenas essa Luz que pode ser considerada como sendo absolutamente Real e então sem qualquer tipo de privação.

Finalmente, a ordem latitudinal de anjos ocasiona uma ordem angelical intermediária que age como seu vice-regente e reina diretamente acima das espécies. Os membros desta ordem intermediária são chamados de luzes regentes e às vezes de luzes senhoriais, sendo que este último nome refere-se especialmente àqueles anjos que governam a alma humana. Estes anjos movem os céus através do amor e protegem todas as criaturas da Terra, dos minerais e plantas aos animais e homens.

No caso do homem, uma "luz senhorial" existe no centro de cada alma e governa cada atividade do homem. Para a espécie humana em sua totalidade existe Gabriel que é considerado como seu anjo, o arquétipo de humanidade (rabb Al-naw Al-insāni) a quem Suhrawardi identifica com o Espírito Santo e com o Espírito do Profeta Muhammad - sobre quem esteja a paz - e também com a função da revelação, Gabriel sendo o supremo revelador de todo conhecimento.

Além do homem ter este anjo protetor para a totalidade de sua espécie, ele tem também seu próprio anjo protetor que reside no mundo angelical. Suhrawardi considera cada alma como tendo tido uma existência prévia no domínio angelical, antes de descer para o reino do corpo. Ao entrar no corpo, a alma, ou seu centro interno que é seu âmago imortal e angelical, é dividida em duas partes, uma permanece no céu e a outra desce para prisão ou "fortaleza" do corpo. É por isso que a alma humana é sempre infeliz neste mundo; ela está na verdade, procurando por sua outra metade, por seu "alter ego" celestial e não alcançará a felicidade última até que se torne unida com sua metade angelical e recupere sua morada celestial. A realização plena do homem é então tornar-se uma vez mais unificado com seu "self" espiritual, com seu protótipo angelical que é seu real "self" no qual ele deve "se tornar" a fim de "ser"; ou seja, ele deve se tornar o que ele realmente "é" e não pode atingir paz e trazer a um fim esta perambulação errante como uma criança perdida nas câmaras do labirinto cósmico até que ele esteja reunido com seu anjo protetor que é seu "self" real.

Fonte: S.H. Nasr 1964. Three Muslim Sages. Caravan.